



## Amigos de todos os lugares marcaram presença no lindo *Gala de Outubro*

• PAG 4 e 5



Ao lado do Repórter PH, Maria da Graça Uchoa, carioca que há muitos anos não visitava esta Ilha, que aprendeu a gostar com os amigos Níce e Edison Lobão

## São Luís ganha filial da EMIVE empresa mineira de segurança com 30 anos no mercado

• PAG 2 e 3

Divulgação/Herbet Alves



### MARIA

Gabriela Klamt é de uma família de mulheres bonitas e bem sucedidas no mundo da moda – sua mãe, Mirna, foi modelo no Ceará e hoje mora no Texas, e sua prima, Bianca Klamt, é top model internacional

• PAG. 4

Na multidão do metrô, alguém me cumprimenta com entusiasmo. O rosto é familiar, mas não atino quem seja. Retribuo, meio sem jeito, o que é imediatamente percebido. No dia seguinte, quando vejo a mesma pessoa me dando o troco do cafezinho, que costume tomar sempre no mesmo lugar, vislumbro o tamanho da gafe.

Eu identificava o caixa com o ambiente onde ele se situava, e quando encontrei o mesmo sorriso num espaço urbano diferente, deslocado da minha percepção habitual, não reconheci. A sorte é que não houve ressentimento. O caixa da cafeteria de Saint-Germain-des-Prés, em Paris, entendeu perfeitamente. Não por gentileza profissional, mas pelo esforço de tornar prazeroso o momento em que costumávamos encerrar o intervalo do dia. Por distração ou por força de hábito, eu perdia a chance de me comportar à altura da qualidade pessoal que me cercava.

Esse crime tem uma causa. Atulhadas de imagens, nossas mentes selecionam o básico para a sobrevivência. Formatamos uma rotina compatível com nossas condições cardiovasculares. O olho é traíçoeiro e só enxerga o que está acostumado a ver.

É por isso que alguns cineastas, sabedores desse vício, conseguiram criar imagens de impacto usando uma cena familiar instalada num entorno diferente.

É clássica a imagem da Estátua da Liberdade semi-enterrada na areia, no primeiro Planeta dos Macacos.

É impossível esquecer Charlton Heston levando

## ACERVO PESSOAL

### em que momentos muito próximos e banais se transformam na síntese de mistérios

consigo o segredo de encarnar personalidades históricas à altura da grandeza com que são lembradas. Ao se ajoelhar diante do símbolo de uma civilização que se autodestruíu, o ator inesquecível nos transportou para o horror do remorso. As ruínas de algo muito próximo, que se misturam à paisagem de uma praia perdida, assombam a cultura visual da nossa época. É assim com inúmeros outros exemplos.

O assassinato de Janeth Leigh no momento do banho em Psicose se transformou num paradigma. Nada mais trivial do que uma ducha, um corpo visto por detrás da cortina, cabelos molhados, gotas escorrendo pelo corpo. A ação do assassino que ninguém vê, a montagem que retalha a mulher junto com a faca, os gritos, a réplica, intensificam até a demência o que

deveria ser corriqueiro. Depois dessa cena, o suspense e o terror jamais foram os mesmos. Hitchcock e sua equipe nos assustaram ao mudar a natureza do olhar. Espiar mulher no chuveiro deixou de ser um expediente meramente erótico. Virou atentado.

Mas não só de sustos vivem as imagens poderosas. Marlene Dietrich, que derramou uma flûte de champanha sobre meus sapatos novos no clube parisiense Chez Castel, sentada no banquinho em O anjo azul, ou Marilyn Monroe esvoaçando sua saia branca no vento encanado do metrô em O Pecado Mora ao Lado, participam desse deslocamento do familiar para o insólito. O truque é fazer com o que o ato banal de sentar aconteça no palco de um cabaré, com a protagonista usando uma roupa que despe o olhar

dos espectadores. Ou usar a obviedade do vento gerado pelo movimento dos vagões para arejar o desejo exposto da diva.

Não só o cinema cria impacto visual. O jornalismo também deixa suas marcas, que definem nossa época. Os aviões mergulhando na presença "natural" das Torres Gêmeas, a forma corriqueira do cogumelo identificando o pesadelo nuclear, as feridas de napalm na infância vietnamita em pânico, são imagens que encheram nossas retinas de assombro. Serão lembradas muito tempo depois que formos embora.

Poderão perguntar o que não conseguimos esquecer fora dessa indústria visual que nos cerca. Eu selecionaria algumas lembranças: São Luís vista no crepúsculo quando eu voltava do sertão para decidir o rumo da minha vida; lá, deixei a minha mãe fingindo que varria a calçada quando lhe avisei que estava decidido a abraçar o jornalismo; o pai, depositando uma caneta Parker 51 no bolso esquerdo da minha camisa de cambraia de linho e recomendando que eu tivesse cuidado ao escrever sobre política; Paris em abril, vestida de ouro da luz da tarde quando lá estive pela primeira vez; o mar visto da saída do túnel no Rio de Janeiro; as gaivotas sobrevoando os sobradões da Praia Grande antes do aterro do Bacanga.

Tudo isso faz parte de um acervo pessoal de impacto, em que momentos muito próximos e banais se transformam na síntese de mistérios: a vida como um presente, a memória como um sonho eterno.

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



O charmoso e simpático gerente da Emive para o Nordeste, Marcelo Mourão, comandou a festa de inauguração da filial maranhense



O Repórter PH, Marcelo Mourão, Márcio Class e Benjamin Franklin Alves



DJ Haroldo Jr. Bolacha, João Marcelo Sá, Teresa Marques e Álvaro Carneiro



João Marcelo Sá, Afonso Ary Peixoto e Samuel Maia

# SEGURANÇA ELETRÔNICA

**A** Emive, empresa mineira de segurança eletrônica, com 30 anos de atuação no mercado e mais de 140 mil clientes atendidos, inaugurou, última semana de outubro, uma filial em São Luís, no edifício Lagoa Corporate, na Ponta d'Areia. Com o serviço de Monitoramento 24h a Emive conta com as Unidades Volantes de Atendimento Regionalizado para um rápido atendimento sempre que precisar. São muitas as unidades

volantes distribuídas por toda a cidade, preparadas para se deslocar ao local monitorado em caso de emergência. A franquia maranhense é comandada por João Marcelo Sá, Samuel Maia e Afonso Peixoto. E a inauguração contou com um coquetel dos mais concorridos. Importante: o novo SuperApp Emive permite que o cliente gerencie com segurança o seu sistema de câmeras de qualquer lugar do mundo, por meio do seu aparelho celular.



Flávio Carvalho, Márcio Machado e o Repórter PH



Maria Luiza, Jaqueline Azevedo, Irlana e Caroline Ferreira



Guto Santos, Elie Georges Hachem e Paulo Nagem



O Repórter PH com o médico Luiz Gonzaga Martins



João Marcelo Sá, Caroline Ferreira, Marcelo Mourão e João Pedro Mariano



Afonso Ary Peixoto e Melissa com Tânia e Luiz Gonzaga Martins



O Repórter PH com Tânia Martins e Carlos Adler



Ruy Vilas Boas e Elie Hachem



Eduardo Coelho e Carlos Sá



Keila Christianne e José Filho, Samuel e Andressa Maia



Ilka Brandão, Michelle Adler e Milena Adler



Ruy Vilas Boas, Guto Santos e Paulo Nagem



Flávio Carvalho, João Marcelo Sá, o Cel. Roberto e soldado Marcos Paulo



Eduardo Coelho, Marcio Class Barbosa, Benjamin Franklin Alves e Carlos Sá



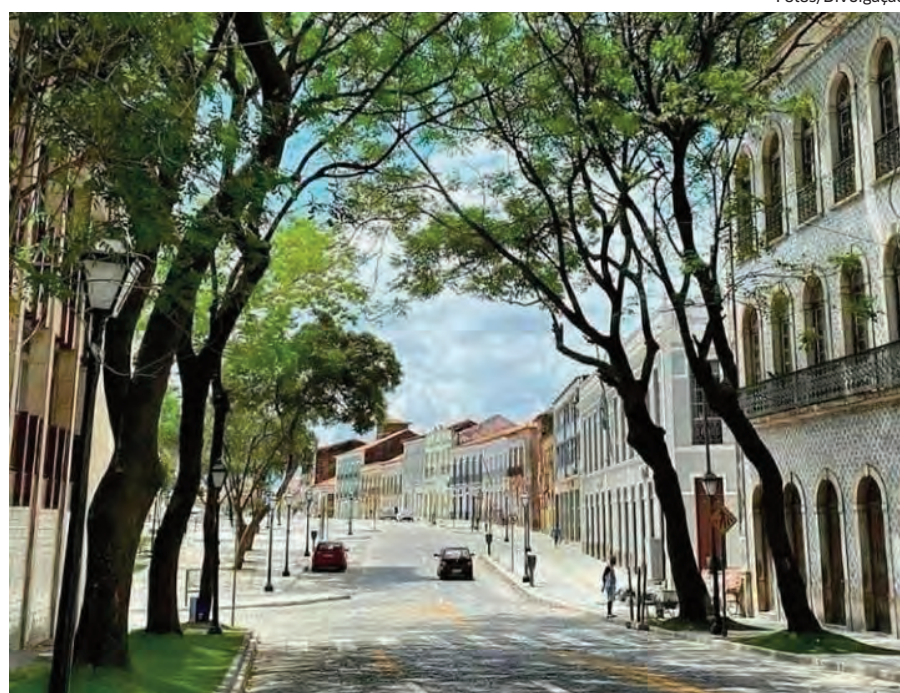
Luiz Gonzaga Martins, o PH e Carlos Adler



O Repórter PH entre Marcelo Mourão e o delegado Augusto Barros



Ana Maria Braga e Tânia Martins



Vista de São Luís, uma cidade que nasceu presépio, cedida por Antonio Nelson Farias



Samuel Maia, João Marcelo Sá e Afonso Peixoto



Luiz Gonzaga Martins e Eduardo Coelho



Renato e Bruna Carvalho



Melissa e Afonso Peixoto



João Marcelo Sá e Milena com Michelle e Flávio Carvalho



Marcelo Mourão e Eduardo Coelho



Augusto Barros, Elie Haschen e Ruy Vilas Boas



O Repórter PH com a bela Caroline Ferreira



Flávio Carvalho, Márcio Machado, Cel. Roberto e Augusto Barros



Samuel e Andressa Maia



Naila e Samuel



Samuel Maia, Afonso Peixoto, João Marcelo Sá, Marcelo Mourão, Karoline Ferreira, Flávio Carvalho, João Pedro Mariano e Ruy Vilas Boas

## O drama da cidade

São Luís, uma cidade que nasceu presépio, vive neste primeiro século do terceiro milênio o mesmo drama de outras capitais brasileiras que viraram refúgio de retirantes do campo desassistido, tiveram as periferias urbanas inchadas de carê-

ncias e viram sendo levados à exaustão os seus equipamentos sociais.

Nem por isso, porém, a cidade perdeu seu encanto de cheiros e cores, de trabalho e afeto, de fartura de águas e do calor da hospitalidade.

## Rescaldo da campanha

Políticos maranhenses que participaram da recente campanha eleitoral são unânimes quanto a um ponto cruel da disputa: falta de dinheiro.

Todos, sejam do governo ou da oposição, se queixam da escassez de recursos materiais para fazer face à propaganda eleitoral, realizada com pouco material promocional e ausência

de eventos políticos que chamassem a atenção do eleitorado.

Os candidatos às eleições proporcionais, vitoriosos ou derrotados, que pensavam que poderiam obter vantagens pessoais dos candidatos aos cargos majoritários, deram-se mal, pois não conseguiram ver a cor do dinheiro de ninguém.

## Um instituto que acerta

O instituto de pesquisas AtlasIntel, cravou mais um resultado, desta vez no pleito americano que sagrou Donald Trump como o 47º Presidente dos Estados Unidos da América.

Além de apontar a vitória de Trump nos "swing-states", os chamados estados-pêndulo, onde nenhum dos candidatos tem uma maioria absoluta de votos e portanto qualquer um pode vencer, a pesquisa mostrou Trump com 50% dos votos ante 49% de Kamala. No resultado oficial anunciado na terça-feira, 5, o republicano encerrou a corrida com 51% e a democrata com 47,6%.

O CEO da AtlasIntel, Andrei Roman, comentou o desempenho da pesquisa neste

pleito, o qual considerou como "desafiador".

"Foi um processo eleitoral desafiador. Nossas pesquisas mais uma vez divergiam do consenso de outros institutos e agregadores. Nos mantivemos confiantes no nosso trabalho, na nossa metodologia e valeu a pena: tivemos um resultado extraordinário em um contexto em que a agregadores e pesquisas novamente tiveram o desempenho contestado no mercado americano", disse.

"Enfrentamos críticas por nossos resultados, que se mantiveram constantes durante todo o ciclo, e também por sermos um instituto internacional. Hoje, nosso trabalho é reconhecido pela imparcialidade, robustez metodológica e precisão".

## Um instituto que acerta...2

A vitória de Donald Trump consagrou o instituto AtlasIntel como o "mais preciso" resultando em destaque internacional.

"Estamos bastante felizes com o resultado sendo uma eleição internacional. Nos tornamos o mais preciso e conseguimos nos destacar pela segunda vez nos Estados Unidos. Temos muito orgulho", afirmou o diretor de Análises Políticas do instituto, Yuri Sanches.

Esta é a segunda vez que o AtlasIntel crava o desfecho eleitoral dos EUA. Em 2020, o instituto mostrou a vitória de Joe

Biden com uma vantagem de 4,7% sobre seu rival Trump, na disputa pela Casa Branca. Com o feito, a empresa foi premiada pelo jornal The New York Times com o selo de confiança e foi destaque na revista Newsweek como levantamento mais confiável.

Foi nessa direção que Sanches afirmou que o instituto deve continuar fazendo novas projeções eleitorais, com levantamentos a serem publicados sobre o cenário eleitoral na Romênia e no Uruguai, que disputa o 2º turno.

## Futuro político de Musk

O empresário sulfricano Elon Musk, um dos principais apoiadores da campanha vitoriosa de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, afirmou que o retorno do aliado à Casa Branca é apenas o início das suas ambições políticas.

Musk citou o America PAC, grupo fundado por ele para financiar a campanha de Trump, e diz que o bloco formado por empresários vai focar nas eleições de meio de mandato, que acontecem em 2026.

"O America PAC vai continuar depois desta eleição e se preparar para as eleições de meio de mandato e quaisquer eleições intermediárias. Vai influenciar fortemente", afirmou Musk na terça-feira, 5, em uma live nas redes sociais.

Atual proprietário do X, antigo Twitter, Musk doou US\$ 118 milhões para Trump. O republicano, que perdeu a reeleição para presidente dos Estados Unidos, em 2020, voltará ao poder após derrotar Kamala Harris.



Em visita à TV Mirante, Dona Marly Macieira Sarney cercada por este Repórter PH, as netas Maria Fernanda e Maria Adriana e a filha, deputada federal Roseana Sarney, em tarde de muitas recordações do início do Grupo Mirante, do qual ela participou ativamente ao lado do ex-presidente José Sarney

Fotos/Divulgação/Herbert Alves/Ribamar Pinheiro e Miguel Viégas



Um lindo momento da performance de dança do Grupo de Solange Costa



Fabiola e Zenira Fiquene com Donizetti e Moacir Machado



Andréa e José Roberto Araújo com Mário Antunes e Glícia Gentil



Trio de muito charme: Marisa Consalter Campos, Cintia Klamt Motta e Nazaré Martins Sousa

## ECOS DA NOITE DE GALA

**N**a sociedade maranhense ainda repercute intensamente o sucesso do Gala de Outubro, o baile que celebrou em grande estilo os 55 anos de Jornalismo do Repórter PH e que reuniu nos salões elegantes do Blue Tree Hotel São Luís, o creme do creme da vida social desta Capital. Os que participaram dessa

noite de gala não esqueceram das músicas dos anos 80 tocadas pelos DJs Diego Moura e Edy (de Brasília) e cantadas pela diva Alexa Marrie e pela maranhense Morgana Storm.

Foram momentos de puro êxtase que ficarão marcados para sempre na memória de quantos participaram dessa linda celebração de amizade.



A bela e charmosa Maria Gabriela Klamt



Marcone Rocha com a esposa Kátia e as filhas Daniela e Ana Clara



O Reporter PH com Christian da Guia Penha e Anne Caroline Correia da Guia



Claudio Cordeiro e Jeanne com Ivani Ferreira e Genésio Bertrand



Sergio Balata e Damaris Louise, Marjorie Cardoso, Daniella e Máuro Filho



Pedro Robson Costa, o Repórter PH e Dimas Salustiano



O charme de Damaris Louise



Glícia Gentil



João Ferreira Neto com a namorada e as filhas



O Repórter PH com a amiga Maria da Graça Uchoa



Cid Alencar com os DJs Edy e Diego Moura e a cantora espetacular Alexa Marrie

Fotos/Divulgação/Herbert Alves/Ribamar Pinheiro e Miguel Viégas



O Repórter PH entre Bianca Klamt, Isabelli Cutrim e Surama de Castro



Armando Ferreira, Dimas Salustiano, Rodrigo Sereno e Pedro Robson Costa



Igor Nogueira e Catarina Azevedo



Maria Luiza Miranda em noite de muito charme



Evandro Jr., Alex Barbosa, Thaise Feques e o Repórter PH



Thátiana Bandeira, Francisco Silva e Fátima Teixeira



Adalberto Teobaldo



Ilze Rangel e Juninho Luang



Serlene Chaves entre as irmãs Glorinha e Clores Holanda



Damaris Louise e Sérgio Balata



Teresa Martins e Rosário Saldanha



Ronald Cisneiros e Luiz Eduardo Sereno Fernandes



O Repórter PH com Teresa Martins e Camila Joare Oliveira Leite



Maria Clara e seu pai José Ahirton Lopes



Magnólia e Rodrigo Vilarinho



Casal Geovânio de Araújo (da Expressar)



Silvia Moscoso, Wal Oliveira e Ana Guimarães



Étia Vale



Lindalva Reis



Cintia Klamt, o Repórter PH, Diego Moura e Bianca Klamt



Maria Luiza Miranda e Jacira Haickel



Plínio Valério Túzzolo entre Werter Bandeira e Herbert Oliveira

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



César Bandeira, José Aparecido Valadão, Amaro Santana Leite, Luiz Carlos Cantanhede Fernandes, Nilson Frazão Ferraz, o Repórter PH e Ricardo Miranda

## JANTAR NO GRAND CRU

As noites de sábado no bistrô Grand Cru são sempre marcadas por verdadeiras celebrações ao vinho e à vida.

No último fim de semana, a confraria comandada por Thatiana e César Bandeira bateu recorde de frequência. E de

marcas famosas de vinhos tintos e brancos que foram degustados em grande estilo.

No mezzanino do agradável restaurante,

uma festa de aniversário atraiu gente famosa como Edinho Lobão e Paulinha com a filha Thatiana e o namorado.



Melina Sereno Fernandes, Maria Luiza Miranda, Flávia Araújo Ferraz e Cida Valadão



Amaro Santana Leite e Ana Lucia Albuquerque



Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e Melina



José Aparecido e Cida Valadão



Thatiana e César Bandeira



Ricardo Miranda e Maria Luiza, Cida Valadão e Luiz Carlos Fernandes



Tromsø é um dos locais mais populares para ver as auroras boreais, uma vez que fica mesmo no coração da zona das auroras no Ártico norueguês

## AURORA BOREAL

Imagine-se numa floresta nevada, a ver as auroras boreais mágicas a dançar por cima de si. Se isto lhe parece o seu tipo de aventura, veja onde assistir ao espetáculo de uma vida.

Escondida acima do Círculo Polar Ártico, no inverno, Tromsø, na Noruega, exibe a aurora boreal a rodopiar o céu. Chegado o verão, a escuridão desaparece enquanto a cidade brilha com o sol da meia-noite. Mas, independentemente da estação, vai deslumbrar-se com as bonitas vilas de pescadores, as cascatas exuberantes e os fiordes estreitos

da cidade. A música é uma parte importante da cultura de Tromsø, por isso, junte-se aos habitantes locais num concerto na Catedral do Ártico ou dance ao som da música techno e eletrônica no festival anual *Insomnia*.

Quem esteve por lá há poucos dias foi a advogada Liana Gomes Pereira, assessora jurídica do Tribunal de Justiça do Estado. Ela conta que foi uma experiência mágica, tão inesquecível quanto conhecer os ursos pandas, há alguns anos, na China.

Outra experiência foi vivida no Canadá, há poucos dias pela

também advogada Mariana Vasconcelos (filha dos meus colegas de jornal, Érika e José Vasconcelos Filho, programador visual deste caderno). Ela e o marido, o médico Eduardo Oliveira, estavam de férias naquele país e testemunharam esse fenômeno da natureza.

A mesma experiência foi vivida, no final do século passado, por Luiz César Leite (o brasileiro recordista de viagens internacionais - conhece mais de cem países - e seu amigo Nacor Holanda, numa viagem fascinante pelo Leste Europeu.



A aurora boreal vista no Canadá pelos maranhenses Mariana Vasconcelos e seu marido, médico Eduardo Oliveira

## MENU DE NATAL NO BLUE TREE

Na noite da última terça-feira (5), o Blue Tree São Luís Hotel lançou oficialmente seu Menu de Natal, desenvolvido especialmente para as celebrações de fim de ano.

Assinado pelo chef Rilson Tiburtino, o cardápio natalino ficará disponível para almoço e jantar nos meses de novembro e dezembro, oferecendo uma experiência gastronômica exclusiva.

Durante o evento de lançamento, os presentes puderam degustar os pratos que compõem o cardápio natalino, com um toque contemporâneo e sabores especiais.

Destaque para a



Uma das delícias propostas por Tiburtino

opção de entrada e sobremesa vegana e prato principal

vegetariano para agradar a públicos diversos. O menu oferece a

opção de entrada, prato principal e sobremesa e foi pensando para proporcionar momentos especiais durante a época mais bonita do ano. É ideal para encontros com amigos, familiares e celebrações corporativas.

Segundo o chef Rilson Tiburtino, a inspiração do menu foi trazer a mágica do Natal para as necessidades contemporâneas, unindo a tradição à técnica de cozinha profissional, apresentação requintada e necessidades alimentares especiais.

“Tudo isso sem perder o toque afetivo que é tão característico da época do ano e que também remete muito à nossa própria identidade”, explica Tiburtino.



Em Buenos Aires é comum ver os casais dançando tango nas ruas da cidade

# De Borges e do Elogio da sombra

**1** Na última vez que visitei Buenos Aires, como em vezes anteriores, cheguei à cidade cheio de informações na bagagem. Tangos, Gardel, parrilla, vinhos, Jorge Luis Borges, Evita. Cheguei disposto a conferi-las uma a uma.

Nos fins do século 19, chegaram maciçamente a Buenos Aires, imigrantes da Europa, sobretudo espanhóis e italianos. Esta diversidade de culturas criou bairros humildes, mas extremamente típicos. Deste modo, a arquitetura europeia, daquela época, fez-se presente por toda a parte contrastando, hoje, com a modernidade de novas construções. Buenos Aires passou, assim, a ser conhecida como a Paris das Américas.

Num restaurante, já na minha primeira noite, fui, aos poucos, sendo envolvido pela música, pelo vinho e pela alegria das pessoas. Ao sair, caminhando por entre a multidão, ainda meio tonto e inebriado, por momentos, não sabia se estava em Madri ou Paris. Só o



O passe da dançarina de tango durante a dança

som de um bandonéon me trouxe à realidade e descobri, maravilhado que estava na alegre capital da Argentina.

**2** Mestre não é quem ensina coisas, mestre é quem ensina a

maneira de tratar com as coisas. A frase é de Jorge Luis Borges, a propósito do mexicano Pedro Henríquez Ureña, que Borges considerava um dos seus mestres: “Se tivesse que redigir o catálogo dos meus benfeitores, por certo

morreria sem concluí-lo. Mas sei que um dos primeiros nomes que acudiriam a minha pena seria o de Pedro Henríquez Ureña”, escreveu. Modestamente, também tenho a minha lista de benfeitores. Ao imitar o catálogo de minha principal

referência literária, para me desculpar do insólito paralelo, uso o próprio Borges, que acreditava que o inefável, o imponderável, o “irredutível a termos precisos” só pode ser aprendido de quem “é melhor do que nós”.

**3** A minha lista dos benfeitores, que é longa e parece inesgotável, é encabeçada pelo próprio Borges, de quem escolhi, para dar de presente aos meus leitores neste primeiro domingo de novembro, o poema “Elogio da Sombra”:

“A velhice (tal é o nome que os outros lhe dão) pode ser o tempo de nossa felicidade. O animal morreu ou quase morreu. Restam o homem e sua alma. Vivo entre formas luminosas e vagas que não são ainda a escuridão. Buenos Aires, que antes se espalhava em subúrbios em direção à planície incessante, voltou a ser La Recoleta, o Retiro, as imprecisas ruas do Once e as precárias casas velhas que ainda chamamos o Sul. Sempre em minha vida foram demasiadas as coisas. Demócrito de Abdera arrancou os

próprios olhos para pensar. O tempo foi meu Demócrito. Esta penumbra é lenta e não dói. Flui por um manso declive e se parece à eternidade. Meus amigos não têm rosto, as mulheres são aquilo que foram há tantos anos, as esquinas podem ser outras, não há letras nas páginas dos livros. Tudo isso deveria atemorizar-me, mas é um deleite, um retorno. Das gerações dos textos que há na terra só terei lido uns poucos. Os que continuo lendo na memória, lendo e transformando. Do Sul, do Leste, do Oeste, do Norte convergem os caminhos que me trouxeram a meu secreto centro. Esses caminhos foram ecos e passos, mulheres, homens, agonias, ressurreições, dias e noites, entressonhos e sonhos, cada ínfimo instante do ontem e dos ontens do mundo, a firme espada do dinamarquês e a lua do persa, os atos dos mortos, o compartilhado amor, as palavras, Emerson e a neve e tantas coisas. Agora posso esquecê-las. Chego a meu centro, a minha álgebra e minha chave, a meu espelho. Breve saberei quem sou.”

## À procura de Borges em ritmo de tango

**1** Há um século Buenos Aires é uma cidade literária por excelência. Marcada a fogo por Julio Cortázar, Adolfo Bioy Casares, Manuel Puig (que recebi em São Luís e entrevistei para um programa que eu apresentava na TV Difusora), Esneato Sábado e, naturalmente, por Jorge Luis Borges – apenas para citar os mais conhecidos – tornou-se a protagonista culta e misteriosa de grandes romances. “Eterna como a água e o ar”, assim cantou Borges. Na Argentina, escritores desse calibre foram os responsáveis por formar leitores muito exigentes. À sua volta, há todo um mundo construído nos livros. Já no início do século XX, a capital era conhecida pelas suas livrarias, abertas até tarde da noite.

**2** A cidade de Borges morreu com ele, mas o mito resiste. Numa das inúmeras livrarias da Av. Corrientes, compro “Otras Inquisiciones”, uma edição de La Nación. Em seguida vou à livraria El Ateneo, na Av. Santa Fé. El Ateneo Grand Splendid era um teatro onde, entre muitos outros, se apresentou Carlos Gardel. Depois virou cinema e, a partir de 2000, uma fantástica livraria, justamente considerada uma das mais belas do mundo.

No antigo palco, agora uma cafeteria, tomo um “cortado” enquanto folheio “Borges, um escritor en las orillas”, de Beatriz Sarlo. Nas frisas, leitores se

acomodam em poltronas com livros nas mãos, outros simplesmente passeiam entre as estantes e turistas tiram fotos.

Passeio também pelas estantes tentando imaginar em quais Borges se deteria.

**3** Na Calle Mexico, na antiga Biblioteca Nacional, hoje uma sala de concertos, onde Borges foi diretor por quase 20 anos, a recepcionista informa que não posso visitá-la, pois a sala está encerrada. Minto, dizendo que vim de São Luís exclusivamente para ver o lugar onde ele trabalhou. Em vão. Insisto. Nada. Imploro. Sou atendido! Na sala central ela aponta o escritório dele e eu peço para tirar uma foto. Foto, não pode. É proibido. Mas... se for rápido... Peço-lhe então para ver a escada em caracol onde Borges “escondeu” o “Livro de Areia” e na qual se teria inspirado para criar a sua escada em caracol do conto “A biblioteca de Babel”. Digo-lhe que viajei milhares de quilômetros só para ver essa escada. Ela me olha incrédula e, um pouco relutante, conduz-me à direita do vestíbulo, e me abre uma porta. E eis que surge a escada que, talvez pela escuridão, parece fundir-se no alto.

**4** Jardim Japonês: aqui, Borges costumava passear com Maria Kodama, sua esposa. Vimos uma miríade de “tsurus”, aprendo que

“sakura” significa cerejeira e atravesso várias pontes, eu sempre tentando desviar os olhos das horrendas carpas. Procuo, na Calle Tucumán, 838, a casa onde Borges nasceu. Não existe mais. Informa um funcionário de um estacionamento vizinho, apontando um edifício de vários andares, que se ergue no local onde a casa existiu...

**5** Na Tortoni, bar-cafeteria que Borges frequentava, enquanto aguardo que o antipático funcionário me atenda, tiro uma foto ao lado da estátua dele, sentado na mesma mesa onde tantas vezes proseou com Bioy Casares.

**6** Na Galeria Pacifico, em meio à movimentada calle Florida, revejo o Centro Cultural Jorge Luis Borges. Criado em homenagem ao grande escritor argentino, o lugar reúne mostras e cursos de cinema, dança, literatura e arte em geral. No espaço dedicado exclusivamente a Borges, há uma exposição permanente dividida em seis períodos de sua vida: antepassados, nascimento e infância, adolescência, juventude, idade adulta e últimos anos. É possível ver fotografias, reprodução das capas originais de seus livros, textos pessoais, desenhos e poemas de sua autoria.

Borges publicou seu primeiro livro de poemas, “Fervor em Buenos

Aires”, em 1923. A partir daí, escreveu diversos livros como “História Universal da infâmia”, “Ficcões” e “O Aleph”. Tornou-se um dos mais importantes escritores da América Latina e recebeu prêmios em países como Itália, França, Inglaterra e Espanha.

**7** Ainda no saguão do Centro Cultural, a viúva de Borges, Maria Kodama – a quem fui apresentado no lançamento em Buenos Aires do romance O Dono do Mar, de José Sarney –, está rodeada por uma legião de fotógrafos. Aproximo-me para tirar uma foto. Digo-lhe que sou do Maranhão e assim entabulamos uma curta conversa sobre Borges. Os fotógrafos não param de disparar os flashes. Chego a imaginar que, no dia seguinte, serei notícia de algum diário da capital portenha... A legenda: “Maria Kodama em animada conversa. Quem será o desconhecido?”

**8** Sigo para a Praça de Maio, onde fornecem-me várias explicações para a cor da Casa Rosada. Fico com a que mais me impressiona: cal misturada com sangue de animais que eram abatidos na praça. Em La Boca tiro uma foto dançando tango... e aprendo que as cores do time de futebol Boca Juniors, azul escuro e amarelo ouro, se devem ao fato de que um dos dirigentes do clube, sentado no cais do porto,

decidiu que as cores do clube seriam as da bandeira do primeiro navio que entrasse no porto. E assim foi: o primeiro navio que entrou portava bandeira sueca!

Buenos Aires dos livros e livrarias, dos bares onde se disponibilizam pequenas bibliotecas com livros de Borges. Buenos Aires do bom vinho, dos bifés, da deslumbrante arquitetura, dos frondosos parques com paineiras, jacarandás e tipuanas tipu. Buenos Aires de lindas mulheres!

**9** É noite. Penumbras adornam as paredes. Ainda se sente o amargor do Malbec. Quando se abre o fole para dar lugar às notas agudas de um bandonéon, um piano ao fundo impõe sua altivez através de acordes arrepiantes e sedutores. O contrabaixo canta suavemente abraçando cada harmonia enquanto que um violino cresce, esgueirando-se por entre as carícias do ritmo excitante. Emerge ali um momento de cobiça, vontade, de bel prazer! As notas se acariciam, os acordes se beijam, existe um desejo de eternizar o momento. Nesta hora evidencia-se de que nada se pode comparar à beleza do tango.

**10** Afinal, o que é o tango senão uma mulher que nos seduz através do seu charme, sua elegância, seu vestido de seda e seu perfume? Ora... Um tango é algo que acontece enquanto todos

dormem, enquanto a lua expõe sua nudez sem ímpetos, quando a névoa esgueira-se por entre as vielas, quando a proibição se liberta das amarras, quando o mundo se torna profano e o prazer se impõe sobre efêmera moralidade sagrada. Um tango é como a música de Orfeu, como a beleza de Adonis, como a sensualidade de Vênus, como a luxúria das ninfas. Um tango embriaga, alicia e abusa, portanto é preciso cuidado! O tango é algo capaz de extasiar qualquer um que prove de sua dança.

De um lado, olhar fixo, passos singulares e robustez do movimento masculino, do outro, leveza, audácia e elegância do passo feminino. Juntos, integram uma harmonia, como um ritual. Os dançarinos, impassíveis, são um só corpo, uma só respiração, uma só pulsação. Em nenhuma dança o olhar desempenha um papel tão importante. As pernas são fundamentais, cruzam e entrecruzam em movimentos rápidos e o movimento do corpo é dramático.

Grande protagonista cultural da vida da cidade, o tango – talvez a maior contribuição de Buenos Aires à cultura popular universal – não é só música ou dança. É, acima de tudo, uma maneira trágica de viver. Ou, como sentenciou Enrique Santos Discépolo (1900 – 1951), “um sentimento triste que se baila”.



Só os pés flagrados na sensual dança do tango em Buenos Aires

## EM BUENOS AIRES COM PHILIPPE STARCK E JUAN CARLOS COPES

Li, certa vez, o desabafo de um jornalista: “O primeiro Starck a gente nunca esquece”. O meu foi no século passado, começo dos anos 1990. Local: hotel Royalton, na rua 44, em Nova York. Foi um choque. O mensageiro que tirou minhas malas do táxi poderia muito bem protagonizar um editorial de moda. Todos os funcionários e funcionárias eram insuportavelmente jovens e bonitos. O lobby não era um lobby – era algo que dali a uns anos eu aprenderia a chamar de “lounge”, com muitos sofás, mesas baixas, candelabros e luz de festa. O meu quarto, minúsculo, tinha móveis brancos contra paredes brancas. O único detalhe colorido era o encosto da cama, que reproduzia um detalhe ampliado de um quadro renascentista. Levei alguns minutos para descobrir onde ficava o interruptor (branco) da luminária do teto – ele estava parafusado às costas (brancas) do móvel (branco) da TV. Comparado aos lugares em que eu já tinha me hospedado, o Royalton parecia tão bizarro quanto o Juicy Salif, o espremedor de limões com jeito de nave interplanetária desenhado por Philippe Starck.

Agora que você já sabe como foi minha primeira experiência com hotel-design, vou contar a mais recente. Foi em Puerto Madero Este, o lugar que Alan Faena quer que venha a ser conhecido como Barrio Faena.

Descrito como um milionário zen, Alan Faena é dado a usar roupas de inspiração indiana com botas de gáúcho. Nasceu rico e aumentou sua fortuna ainda jovem, como empresário de moda. Namora mulheres lindas e é amigo de roqueiros e intelectuais. Em determinado momento, vendeu tudo e recolheu-se por três anos para meditar e cuidar das plantas em sua mansão em Punta del Este. Quando voltou, chamou Philippe Starck para projetar o hotel Faena, que é apenas a parte mais visível de um projeto imobiliário que ele concebeu para a antiga área portuária e que foi bancado por investidores internacionais.

Estamos em frente ao Faena. Nada indica que por trás dessa porta de ferro entreaberta num muro de tijolinhos se encontre o hotel mais comentado dos últimos tempos, tanto deste quanto do outro lado do Atlântico. Não existem táxis estacionados, nem letreiro iluminado. Ou seja: sinto-me chegando a uma festa vip num endereço secreto.

Um pouco adiante, abre-se diante de mim uma porta de vidro vermelho de 10 metros de altura – e aí é como atravessar o espelho de Alice (redesenhado por Philippe Starck, evidentemente). Sou conduzido por uma galeria de pé-direito altíssimo e paredes de vidro, que fazem as vezes de vitrine e permitem que eu observe o delírio cenográfico (e a muvuca) dos ambientes que se sucedem à minha passagem. O rústico grill El Mercado (mesas compridas de madeira, cristaleiras antigas repletas de quinquilharias, pôsteres de ídolos populares argentinos). O rebuscado lounge El Living (sofás de couro, poltronas de pele de boi, candelabros de cristal, biblioteca). O desvairado restaurante El Bistró (doze cabeças de unicórnio pregadas às paredes), local que escolhemos para um jantar inesquecível. O único antro a salvo da curiosidade dos passantes é o nightclub El Cabaret, localizado no trecho

final da galeria, logo depois daquela imensa cortina de veludo dourado.

O cabaré com o toque de Starck foi criado para reviver a nostalgia de uma época que já foi com a força de um fenômeno de hoje, cheio de fantasias e sensualidade. As portas se abrem e começa o Rojo Tango – um espetáculo classudo do início ao fim, esbanjando beleza e sensualidade o tempo todo, sem nunca partir para a apelação. Os bailarinos dançam – não fazem acrobacia nem ginástica olímpica. A acústica é perfeita, e a banda – superjovem – brilha, especialmente na execução de “Adios Nonino”, o clássico de Piazzola, quando os holofotes se voltam para os músicos (e ninguém sente falta dos bailarinos).

Na madrugada, quando deixávamos o hotel, comentei com meus amigos de viagem: curtir este ambiente de Philippe Starck é programa tão único quanto provar a cozinha de cientista de Ferran Adrià, viajar no Orient-Express ou desfilarmos num carro alegórico da Beija-Flor. Mais que um prazer, é um delírio.

Não maior do que aplaudir o lendário Juan Carlos Copes (1931-2021). Sobrancelhas juntas, cabelo penteado para trás, brilhante com creme de cabelo e vestindo um termo impecavelmente passado aparece no salão junto com sua filha Johana. Endowed with a profound energy, Copes looks like a man without age, but he does not deny his age. Dotado de uma profunda energia, Copes parecia um homem sem idade, embora se soubesse que ele nasceu em 31 de maio de 1931. It's in every dictionary, he comments with a smile.

Na época, aos 79 anos, o mito desliziava no palco com a leveza de um profissional que foi professor de dança na escola de Nova York e universidades de Stanford e Chicago, além de Sorbonne, em Paris. Por suas orientações passaram grandes artistas como Liza Minelli, Mikhail Barishnikov, Robert Duvall e professores da escola Fred Astaire, onde também deu aula. Como convidado especial da Casa Branca, foi responsável por um espetáculo comemorativo a um aniversário do ex-

presidente americano, Ronald Reagan.

E, de repente, ali estávamos, um pequeno grupo de turistas do Maranhão, aplaudindo Juan Carlos Copes, o maior bailarino de tango de todos os tempos, um homem que fez história com sua forma tão particular de dançar e de coreografar o tango – o que lhe valeu o American Choreography Award pelo filme Tango, de Carlos Saura, que tenho entre os meus favoritos, porque transmite, através da música e da interpretação da dança, algo que está dentro do coração das pessoas. No filme, não são necessárias palavras. E quando um filme dispensa as palavras é porque a interpretação, direção, direção de arte e toda a parte técnica que é envolvida no processo cinematográfico, está em perfeita harmonia.

E Juan Carlos Copes brilha no filme O Tango com a mesma luminosidade com que foi aplaudido, de pé, no Teatro Arthur Azevedo, durante o espetáculo que comemorou os 7 anos do PH Revista e teve a participação do pianista Pedrinho Mattar (1936-2007), chamado às pressas para substituir a lendária cantora Sarita Montiel (1928-2013), que teve problemas de saúde em Fortaleza e cancelou sua apresentação em São Luís.

Manuel Bandeira, num dos seus poemas, incluiu um verso: “diante de uma trágica notícia, a melhor opção é dançar um tango argentino”. O tango, pelo ritmo, coreografia, pela amargura ou tristeza de algumas músicas e letras sempre foi conhecido no exterior. Além de uma melodia e pontuação fortes, sempre foi dançado nos grandes salões no século passado. Hollywood foi um dos maiores divulgadores do tango e citávamos seqüências destacando, com ênfase, o tango sendo dançado. Lembraria aquela em que o ator Al Pacino, interpretando um cego, dança um tango inesquecível que o indicou para um Oscar. Marlon Brando lutou para ser o intérprete de O último tango em Paris e não dançou nada. Em Crepúsculo dos deuses, Gloria Swanson dança um tango lembrando que era a música preferida pelo mitológico ator Rodolfo Valentino.



O casal dançando tango de forma sensual



Um belo rosto de mulher durante a apreciação de um vinho

## O MELHOR LUGAR PARA ENCONTRAR OS AMIGOS

Li, há algum tempo – não lembro onde – um belo ensaio de Jerônimo Teixeira sobre um livro do filósofo inglês Roger Scruton, que recorda que o vinho é a própria civilização. “A distinção entre os países civilizados e incivilizados” – afirma ele – “é a distinção entre os países onde se bebe e onde não se bebe”. E evoca que o vinho foi a bebida dos banquetes filosóficos gregos, das saturninas romanas, da Eucaristia cristã.

Em verdade, a videira já era cultivada 6 mil anos antes de Cristo. Anacreonte, no século 6 a.C., dizia: “Enquanto bebo o alegre vinho, os meus desgostos adormecem”. E nos Salmos se lê: “O vinho alegra o coração do homem”. Omar Kháyyám, no século 12, ensinava: “Não abandone nunca o mágico que tem o condão de conduzir-te ao doce país do esquecimento”.

E o grave Lutero pregava: “Quem não gosta de vinho, mulher e canção fica um tolo ao longo da vida”. Rabelais era positivo: “Nunca homem nobre desdenha um vinho bom”. Victor Hugo era definitivo: “Deus só fez a água, mas o homem fez o vinho”.

Voltemos agora a Roger Scruton. Sobre a fruição estética de um cálice de vinho, observa que não é a mesma que temos diante de um quadro, um poema, uma sinfonia. Mas o vinho está longe de oferecer um

entorpecimento vulgar: o inebriamento não seria mero efeito do álcool, mas estaria associado a todas as sensações que a bebida provoca sobre o olfato e o paladar, no momento em que a tomamos. Há uma dimensão ritual no consumo do vinho, que remete ao culto grego de Dionísio e, é claro, à Eucaristia cristã. Essas considerações sobre o vinho se prestam como introdução para eu publicar frases ilustrativas de uma interessante caixa que embalou garrafa de vinho que me presentaram dia desses.

Começo por Mussolini, que dizia: “Os que bebem vinho vivem mais do que os médicos que os proibem”. De um desconhecido saiu essa chacota: “comecei uma dieta... cortei a bebida e comidas pesadas e em quatorze dias eu perdi duas semanas”. “Os anos melhoram com o passar dos vinhos” e “o vinho é o melhor lugar para encontrar os amigos” também estampam essa caixa. Assim como a famosa frase de Napoleão sobre o champagne: “na vitória o merecemos, na derrota precisamos dele”. Ainda no campo das lutas humanas, dizia Thucydides, famoso historiador da Grécia antiga, que “os povos mediterrâneos começaram a sair da barbárie assim que aprenderam a cultivar a oliveira e a vinha”. Se assim for, tem uns bairros da nossa cidade que estão precisando dessas culturas, amigo.



Um sommelier conferindo as qualidades de um vinho branco

## O vinho e a sabedoria

Segundo Pasteur, “existe mais filosofia em uma garrafa de vinho que em todos os livros”. Esse era um amante do vinho! Fernando Pessoa não ficou muito distante: “boa é a vida, mas melhor é o vinho”. Shakespeare, um pouco mais contido, achava que “o bom vinho é um camarada bondoso e de confiança, quanto tomado com sabedoria”. Como bom francês, Victor Hugo falou das duas paixões nacionais: “comer é uma necessidade do estômago; beber é uma necessidade da alma”.

Concluo com essa pérola do poeta Mário Quintana, com quem conversei algumas vezes nas minhas andanças em Porto Alegre: “por mais raro que seja, ou mais antigo, só um vinho é deveras excelente: aquele que tu bebes calmamente com o teu mais velho e silencioso amigo”.

Aí eu lhe pergunto, leitor, com tantos gênios defendendo o consciente consumo deste maravilhoso líquido, como é que eu vou discordar? “Tim, tim!” – digo eu. E ergo um brinde à vida.



Um momento pleno de degustação de vinho em momento especial de prova



Fotos/Divulgação



Evandro Jr., Gisela Diniz e Werther Bandeira



Simone Castilho, a DJ Rafisa Marques e Marcelo Cláudio

## Homenagem aos Cerimonialistas na Villa do Vinho Bistrô

Celebrar e reconhecer a importância dos profissionais que fazem os eventos acontecerem com excelência.

Esse foi o objetivo do evento que aconteceu na Villa do Vinho Bistrô, sob o comando do proprietário Werther Bandeira, em homenagem ao Dia do(a) Cerimonialista!

Um projeto de lei aprovado pelo Senado Federal em 2009 instituiu a data de 29 de outubro nos calendários oficiais, em homenagem aqueles que são responsáveis por resguardar a imagem de organizações e empresas, executando o planejamento e produções dos eventos e solenidades.

O empresário Werther Bandeira, proprietário da Villa do Vinho Bistrô ofereceu um evento especial para homenagear cerimonialistas maranhenses, pela importância da sua atividade. Nada mais justo, já que o restaurante e casa de eventos Villa do Vinho é palco de muitas solenidades e eventos corporativos, que contam com o apoio desses profissionais.

A noite dedicada aos Cerimonialistas contou com animação da banda The Magiks e da DJ Rafiza Marques. E foi marcada pela presença e confraternização de um time top de profissionais.



Sabrina



Thuanny Garrido



Eric Teixeira



Lenine Gomes



Luciene Fontes



Fernanda Napoleão



Abigail Cardoso



Karina Marçal



Chailine Torres



Luciana Ennes



José Domingues Neto e Danielle Vieira (InterMídia Comunicação Integrada)



Renata Mesquita e Rafaela Dóvera



Rafaela Gomes